

A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador

Ethel Volfzon Kosminsky

Como citar: KOSMINSKY, E. V. A utilização do dado qualitativo e a subjetividade do pesquisador. *In:* KOSMINSKY, E. V. (org.). **Agruras e prazeres de uma de uma pesquisadora:** ensaios sobre a sociologia de Maria Isaura Pereira de Queiroz. Marília: Unesp Marília Publicações; São Paulo: FAPESP, 1999. p. 77-88. DOI: <https://doi.org/10.36311/1999.978-85-86738-08-5.p77-88>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A UTILIZAÇÃO DO DADO QUALITATIVO E A SUBJETIVIDADE DO PESQUISADOR

Ethel Volfzon Kosminsky¹

A obra de Maria Isaura Pereira de Queiroz abrange uma grande diversidade de temas. Ao lado da grande variedade de assuntos tratados como o messianismo, o cangaço, o mandonismo, o campesinato e o carnaval, destaca-se a sua reflexão sobre a produção do conhecimento sociológico no Brasil e sobre os procedimentos metodológicos de pesquisa. É sobre este último tópico que tentaremos dar a nossa contribuição, especificamente sobre as discussões em torno da história oral.

O interesse de Maria Isaura a respeito de procedimentos de pesquisa data de 1953, quando a pedido de Roger Bastide, seu Mestre, publica o artigo “Histórias de vida e depoimentos pessoais”,² baseando-se na sua experiência adquirida ao participar de uma pesquisa, patrocinada pela UNESCO, sobre o relacionamento entre brancos e negros em São Paulo.

Maria Isaura relaciona o uso dessas técnicas de pesquisa ao novo enfoque adotado pela Sociologia, a qual passou a admitir que,

valores e opiniões tinham base coletiva, não eram produto essencialmente individual, ... O que os homens pensam, sentem e fazem, constituindo fatos sociais tanto, por exemplo, quanto as técnicas que empregam em seus trabalhos, a história de vida vem no-lo mostrar ao vivo; ela permite uma abordagem interior de fatos que antes só se observava do exterior.³

¹ Professora de Sociologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP — Câmpus de Marília. Diretora Primeira-Secretária do CERU. Agradecemos a leitura da primeira versão e as sugestões de Gláucia Villas Boas e de Marcos César Alvarez.

² PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Histórias de vida e depoimentos pessoais. *Sociologia (São Paulo)*, v. 15, n. 1, p. 8-24, março 1953. Posteriormente publicado In: _____. *Variações sobre a técnica do uso de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: CERU, FFLCH/USP, n. 4, 1983. (Col. Textos, n. 4). Este livro foi também publicado pela editora T. A. Queiroz, São Paulo, 1991.

³ Idem, *ibid.*, p. 9.

A partir da concepção, explicitada por Maria Isaura, de que os valores e as opiniões do pesquisador e do pesquisado têm uma base coletiva, começaremos a compor o tema da subjetividade do pesquisador, que em sendo membro ou não da mesma sociedade ou grupo do pesquisado, poderá ou não compartilhar dos mesmos valores. Tanto em um caso como em outro, esses valores serão coletivos, ou seja, a subjetividade do pesquisador apresenta uma base coletiva.

O reconhecimento da autora de que a técnica⁴ é um fato social, incluindo aí os procedimentos da pesquisa sociológica, pode ser comprovado a partir do próprio desenvolvimento da Sociologia, no que diz respeito à utilização de diferentes técnicas de investigação ao longo da sua história.

No artigo já referido, Maria Isaura chama a atenção para as dificuldades que podem surgir durante a coleta de histórias de vida e de depoimentos pessoais: “problemas de escolha do informante e [de] obtenção do material, ... de *preparo do pesquisador*”.⁵

A partir da formulação prévia do problema de pesquisa, decorrem as outras fases da pesquisa, entre as quais *o preparo do pesquisador*. A Sociologia abandonou a idéia de que o pesquisador deveria ser: “como uma *tabula rasa*, ao qual a simples observação revelaria a estrutura íntima dos fatos sociais. A coleta cega do material foi substituída pela colheita dirigida, sendo a direção exercida pelo problema que o sociólogo tem em mente”.⁶

Ainda segundo Maria Isaura, para que o pesquisador se encontre em condições de formular um problema de pesquisa é preciso, em primeiro lugar, que ele conheça Sociologia em geral e, em seguida, que ele esteja familiarizado com o grupo que pretende estudar. Caso ele seja um membro do grupo a ser pesquisado,

⁴ Para Maria Isaura, “Técnica é procedimento, é maneira de agir para se obter um resultado, mas maneira de agir particular, seguida para executar algo; seu sentido é material e prático”.(op. cit., 1983, p. 12).

⁵ PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit. 1953, p.8. (grifos nossos).

⁶ Idem, *ibid.*, p.12.

ele mesmo terá uma opinião, uma atitude, da qual pode não ter muita consciência, diante do problema que pretende estudar. Analisar sua atitude pessoal por meio de um depoimento honesto em que sejam expostas não somente sua própria opinião, experiências e comportamento, como também as opiniões, experiências e comportamento das pessoas em cujo círculo vive, *é alcançar, por meio do melhor conhecimento de si mesmo, maior objetividade para a pesquisa em vista*; a análise permite-lhe desvendar tendências que ignorava ou que não levava em conta; consciente da existência delas, poderá vigiá-las e evitar que deformem os dados no ato da colheita. Por outro lado, este depoimento enriquecerá o acervo de dados sobre o problema que estuda.⁷

Em nota de rodapé, Maria Isaura esclarece que o depoimento do pesquisador é uma exigência que o Professor Roger Bastide vem fazendo aos alunos de Sociologia, “sempre que os encarrega de obter uma história de vida”.⁸ Essa exigência deve ser acompanhada “de um preparo teórico peculiar ao assunto escolhido, assim como [d]a auto-análise”⁹ já referida. Subjacente a essa proposta encontra-se a velha questão da Sociologia, a relação sujeito-objeto de pesquisa, centrada na subjetividade do pesquisador e que aqui é tratada a partir da reflexão acerca da história de vida. A discussão, no entanto, pode ser extrapolada tanto para as técnicas de pesquisa qualitativa e quantitativa de modo geral, quanto para os dados obtidos de uma ou de outra forma.

A partir desse artigo de Maria Isaura, é possível detectar um traço fundamental do trabalho da autora: ao mesmo tempo que investiga um determinado fato social, reflete sobre o procedimento utilizado. A razão para tal atitude, ela explica no final do texto:

Torna-se necessário que se prestem contas, aos outros estudiosos da matéria, não só do critério usado na escolha dos dados, mas também de como estes foram conseguidos e manipulados; ... Somente o acumular da experiência em relação às técnicas e ao seu modo de emprego permitirá o aperfeiçoamento

⁷ Idem, *ibid.*, p.12-3. (grifos nossos).

⁸ Idem, *ibid.*, p. 13, nota 2.

⁹ Idem, *ibid.*, p.14.

delas; ... mostrar o caminho que se seguiu é permitir que outros o aproveitem, o critiquem, o aperfeiçoem ou o refutem em proveito de um sistema melhor.¹⁰

A questão da subjetividade do pesquisador aparece novamente, em um artigo de 1976, dessa vez sob o ângulo da discussão do subjetivismo.¹¹ Maria Isaura critica então os defensores da pesquisa quantitativa, que afirmavam constituir o dado quantitativo a única possibilidade de afastar o subjetivismo do pesquisador. Mostra a autora que as opiniões e valores do pesquisador podem estar presentes na formulação do problema, na elaboração das hipóteses e na redação do questionário. No momento em que se passa para a fase de interpretação dos dados, os valores e as opiniões do pesquisador podem ganhar um peso muito maior, uma vez que ele está “inteiramente presente com sua ideologia, suas emoções, suas racionalizações”.¹²

Na sua defesa do dado qualitativo, aponta Maria Isaura que o único caminho para transformar a subjetividade do pesquisador, de algo prejudicial para algo que permita a compreensão da realidade, seria através de uma “constante autocrítica do pesquisador”.¹³ Ela reitera, assim, o seu enunciado a respeito do “preparo do pesquisador” através da “auto-análise”.¹⁴

Afirma a autora que a utilização apenas dos números pode conduzir a uma visão abstrata da sociedade. Nas pesquisas voltadas para temas atuais, esta questão pode ser solucionada quando se mescla o dado quantitativo com a descrição do ambiente ou com detalhes e nuances apontados pelo pesquisador. Mas o problema se agrava no que diz respeito às pesquisas voltadas para o passado. Neste caso, observa-se que os documentos estatísticos não permitem a reconstituição do comportamento, do ambiente e das opiniões. Para Maria Isaura Pereira de Queiroz, essas indagações encontrarão respostas somente nos dados qualitativos obtidos, principalmente, através dos romances.¹⁵

¹⁰ Idem, *ibid.*, p. 23-4.

¹¹ Consideramos aqui subjetivismo no sentido mais genérico de: “doutrina que reduz a estados ou atos do sujeito (universal ou individual) a realidade ou os valores” (ABBAGNANO, N. *Dicionário de Filosofia*. 2. ed. São Paulo: Mestre Jou, 1982. p. 888).

¹² PEREIRA DE QUEIROZ, M.I. Escravos e mobilidade social vertical em dois romances brasileiros do século XIX. *Cadernos*, CERU: 1ª série, São Paulo, n.9, p. 39, out. 1976.

¹³ Idem, *ibid.*, p.39.

¹⁴ Idem, *op. cit.*, 1953, p.14.

¹⁵ Idem, *ibid.*, p.40.

Essa questão do subjetivismo do pesquisador compreende, na realidade, um velho tema das Ciências Sociais: a relação sujeito-objeto de pesquisa, conforme já afirmamos. Se há mais de 20 anos (1976) esta discussão estava centralizada na postura do pesquisador e na utilização do dado quantitativo e/ou qualitativo, hoje em dia, ela aparece na própria produção e utilização do dado qualitativo.

Assim, o antigo tema surge na discussão a respeito do dado qualitativo *coletado* através do *relato*. Maria Isaura já chamava a atenção para o fato de *história oral* ter sido utilizada por sociólogos e antropólogos desde o início do século.¹⁶ Nos últimos anos, o *relato* passou a ser empregado com muito mais frequência, sob a denominação de história oral, ganhando assim uma nova *roupagem*. Entretanto, aponta Maria Isaura, o relato oral

constituíra sempre a maior fonte humana de conservação e difusão do saber, o que equivale a dizer, fora a maior fonte de dados para as ciências em geral. [Ele está] na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e conservação do saber.¹⁷

O processo de transmissão do conhecimento implica a existência de um narrador e de um ouvinte. Na passagem do oral para a escrita aparece um intermediário entre o narrador e o público – no caso, o pesquisador. O surgimento do gravador acarreta a impressão de que seria possível diminuir o viés trazido pelo pesquisador. No entanto, a utilização dos dados nas pesquisas exige, em seguida, a transcrição escrita. Além disso, a necessidade da transcrição da fita está também no fato desta ser pouco resistente, se estragando facilmente.¹⁸

Aparece novamente em discussão o tema da subjetividade do pesquisador – se ele ao transcrever a fita não estaria *deturpando-a*. E, principalmente, como ele deveria coletar e utilizar o relato. Várias questões têm sido colocadas: o pesquisador poderia intervir, na coleta, caso o entrevistado se afastasse do tema tratado? E, na utilização do material, após a sua transcrição, o

¹⁶ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. Relatos orais: do "indizível" ao "dizível". In: SIMSON, O. de M. von (Org.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, 1988. p. 14.

¹⁷ Idem, *ibid.*, p. 16.

¹⁸ Idem, *ibid.*, p. 17.

pesquisador poderia analisá-lo destacando o que lhe interessa, o que tem a ver com o seu problema de pesquisa ou, ao contrário, o relato deveria ser publicado de forma integral?

Afirma Maria Isaura que “desde o início da coleta do material, quem comanda toda a atividade é o pesquisador, pois foi devido a seus interesses específicos que se determinou a obtenção do relato”.¹⁹ Quando mais tarde o pesquisador for recortar o material de acordo com os seus interesses, isso significa que ele continuará a comandar o processo de pesquisa.

Na verdade, a narrativa oral, uma vez transcrita, se transforma num documento semelhante a qualquer outro texto transcrito, diante do qual se encontra um estudioso e que, ao ser fabricado, não seguiu forçosamente as injunções do pesquisador.²⁰

Quando um cientista social utiliza outros tipos de documentos – tais como recortes de jornal – ou dados estatísticos coletados pelo governo, que não têm nada a ver com a sua proposta de pesquisa, nem por isso ele deixa de utilizar esse material. É sobre este material que o cientista social irá extrair aquilo que interessa a seu trabalho, isto é, através da análise, ele irá utilizar somente aquilo que é necessário à sua investigação. Assim, essa discussão em torno dos recortes das histórias orais e da sua utilização parcial se configura como um falso problema.

Esse debate ganhou recentemente novo impulso.²¹ Entre outras questões, voltou-se novamente ao tema da utilização da narrativa sem recortes, visando com isso *preservá-la* da interferência do pesquisador, ao mesmo tempo em que se divulgava cada vez mais a coleta de histórias orais com o objetivo de criação de arquivos, preservação de memórias – de operários, imigrantes, da chamada classe dirigente etc.

¹⁹ Idem, *ibid.*, p. 18.

²⁰ Idem, *ibid.*, p.18.

²¹ Em 1994 com a realização do I Encontro de História Oral, na Fundação Getúlio Vargas, no Rio de Janeiro, que reuniu pesquisadores da área de Ciências Humanas, e que culminou com a criação da Associação Brasileira de História Oral.

Essa discussão teve início em uma corrente da História, a chamada História Oral com maiúsculas. Não confundir com *história oral* (com minúsculas) definida por Maria Isaura como:

termo amplo que recobre uma quantidade de relatos a respeito de fatos não registrados por outro tipo de documentação, ou cuja documentação se quer completar. Colhida por meio de entrevistas de variada forma, ela registra a experiência de um só indivíduo ou de diversos indivíduos de uma mesma coletividade.²²

A própria Maria Isaura discute a História Oral, enquanto ramo da História, que surgiu como uma reação em relação à História Quantitativa. Esse ramo da História busca o singular que encerra o elemento qualitativo. Esta valorização do singular, aliada à constatação de que havia muito mais registros e dados de indivíduos das camadas elevadas, norteou a procura por relatos pessoais de personagens das camadas inferiores. Com o intuito de evitar a repetição da situação no futuro, passou-se a coligir estes relatos, procurando-se conservá-lo em acervos. Desta forma, buscava-se também adotar uma postura mais justa com relação às camadas inferiores.²³

Deste ponto de vista, a História Oral se aproxima da Literatura Oral, nascida em fins do século XIX como parte do Folclore, isto é, do estudo dos costumes, das tradições, das crenças, das narrações, da arte, peculiares às camadas sociais chamadas populares e nas quais os relatos escritos eram muito raros; a Literatura Oral considerava de importância fundamental a coleta, a classificação, o estudo comparativo das lendas, dos versos, das narrativas para preservar do esquecimento aquilo que não constituía apenas um aspecto curioso da vida da plebe, e sim, e principalmente, o fruto de sua sabedoria e de sua arte.²⁴

Já no século passado, no Brasil, Sílvio Romero (1851-1914) havia começado as pesquisas da literatura oral brasileira. Todos os volumes que Camara

²² Idem, *ibid.*, p. 19.

²³ Cf. PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. História, história oral, arquivos na visão de uma socióloga. Reunião Anual da SBPC, 46, Vitória, 1994, p. 8. (mimeogr.)

²⁴ Idem, *ibid.*, p. 8.

Cascudo publica, por sua vez, a partir de 1939, compreendem “gêneros da Literatura Oral, poesia, contos, mitos, lendas, com bibliografia e sentido de sistematização”.²⁵

Comenta Camara Cascudo que o maior número de informações disponíveis e a utilização de meios mecânicos para registrá-las não garantem a fidelidade de interpretação do pesquisador em relação aos dados obtidos.

Tudo pode ser provado e desmentido porque a documentação é ampla, difusa e apta aos milagres da interpretação. Cada ano maiores informações surgem. Viagens, cantos e músicas fixadas em aparelhos registradores de sons, danças diante do cinematografista, instrumentos musicais trazidos para o exame técnico, todo o material etnográfico e folclórico posto ao alcance de todos os processos de verificação, experiência e confronto.²⁶

O caminho adotado pelo citado autor para solucionar a questão, além da “combinação de técnicas diversas” – monografias e mapas etnográficos – consiste no “depoimento pessoal do pesquisador: Depoimento de leituras, de observações, de raciocínios, na honestidade dos cotejos, na lealdade das fontes bibliográficas, no solidarismo de querer conhecer para melhor compreender”.²⁷

Neste ponto há uma convergência entre Maria Isaura e Camara Cascudo, ambos propõem a combinação de técnicas para a realização de qualquer pesquisa. No caso de Maria Isaura, temos, como exemplo, a coleta de depoimentos pessoais sendo completada pela ficha do informante e pelo caderno de campo.²⁸ E o *depoimento pessoal* do pesquisador, referido por Camara Cascudo, se aproxima da idéia de autocrítica que Maria Isaura considera como fundamental.

Já podemos perceber a importância da crítica de Maria Isaura à História Oral. Esta, procurando se constituir como um ramo da História, traçou o seu caminho de forma independente, sem refletir sobre os estudos realizados pela Literatura Oral. Tanto pela sua preocupação em reunir e sistematizar relatos das

²⁵ CAMARA CASCUDO, L. da. *Literatura oral no Brasil*. 3.ed. Belo Horizonte: Itatiaia/São Paulo: EDUSP, 1984. p.18.

²⁶ Idem, *ibid.*, p. 30.

²⁷ Idem, *ibid.*, p. 31.

²⁸ PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., 1983, p. 52.

camadas populares, quanto pela sua utilização de meios mecânicos para a coleta, a Literatura Oral é pois anterior à História Oral.

A mesma motivação pode ter levado a História Oral a não tomar em consideração a discussão já realizada pela Sociologia,²⁹ de que o material coletado por meios mecânicos,

sendo completo e verdadeiro, dispensaria a consulta a dados de fontes escritas, pois o registro por meios mecânicos assegura a máxima objetividade. Esta ilusão não foi ainda totalmente desfeita. É sempre muito útil que se procure aperfeiçoar o manuseio das técnicas mecânicas; no entanto, cumpre lembrar que elas são sempre utilizadas por um pesquisador, que tem sua maneira específica de pensar e que, sendo ele que determina como vai gravar e o que gravar, efetua um primeiro peneiramento dos dados através de sua própria maneira de ver.³⁰

Para a Sociologia, qualquer que seja a procedência do material ele será sempre interpretado pelo pesquisador, a partir do problema da pesquisa. Daí a necessidade de se combinar dados que tenham sido coletados através do emprego de técnicas variadas.

A História Oral, além da busca do singular contida no dado qualitativo, tem como preocupação a constituição de arquivos de relatos orais. Se à primeira vista, a História Oral poderia estar se aproximando da Sociologia, pela sua preocupação com o presente e pela utilização de entrevistas, na realidade tal não ocorre, pois a Sociologia não apresenta uma preocupação com o armazenamento dos dados.

A pesquisa sociológica busca a resposta a um problema, a uma questão surgida das próprias relações sociais que as pessoas mantêm entre si. Esta pergunta, como bem apontou Maria Isaura está articulada à necessidade de compreender, de saber para mudar. Não que o próprio sociólogo seja necessariamente um agente de mudança social – ele pode até ser –, mas no sentido de produzir um conhecimento crítico que possa ser utilizado por grupos sociais.

²⁹ Ver PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., 1988.

³⁰ Idem, op. cit., 1994, p. 10.

A pesquisa sociológica requer, também, um rigor teórico e metodológico. Implica a existência de conceitos articulados entre si, constantemente revistos. De constantes avaliações metodológicas – no sentido de reflexão sobre o caminho seguido pelo cientista em sua pesquisa – e tecnológicas – no sentido de reflexão a respeito da técnica empregada. A metodologia é orientada pela própria *praxis* que o cientista exerce sobre a realidade.³¹

A Sociologia além de produzir um conhecimento crítico sobre a realidade, de desvendar a trama das relações sociais, quando se volta para o passado, assim o faz, buscando a gênese de um determinado fato social para poder atuar sobre ele no presente. Não há a preocupação com a criação de acervos de documentos, como busca a História Oral. Os documentos, assim como os procedimentos metodológicos empregados para a sua obtenção, não se confundem com o ramo do conhecimento, no caso a Sociologia. Assim, a partir das considerações desenvolvidas por Maria Isaura, podemos perceber como a Sociologia pode empregar de forma isolada ou em combinação uma grande variedade de procedimentos e de materiais empíricos.

Assim, a atual discussão na área da História Oral, acerca da preservação dos relatos orais em arquivos, só tem sentido para a Sociologia – e ousamos dizer para a Ciência em geral – se estes relatos forem coletados e analisados em função de um problema de pesquisa. Caso contrário, o relato oral como técnica de pesquisa e o dado qualitativo dela resultante deixam de ser respectivamente instrumento e informação e passam a se constituir em um fim em si mesmo. As técnicas não têm função explicativa,³² nem o dado fala por si próprio.

Não podemos esquecer que também o relato oral foi obtido por um pesquisador que ocupa uma determinada posição social, detém uma certa posição política etc., e que portanto este relato se insere numa determinada

³¹ PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. *Variações sobre a técnica do uso de gravador no registro da informação viva*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1991. Ver especialmente o cap. I.

³² Ver PEREIRA DE QUEIROZ, M. I. O pesquisador, o problema da pesquisa, a escolha das técnicas: algumas reflexões. In: LANG, A. B. da S. G. (Org.). *Reflexões sobre a pesquisa sociológica*. (São Paulo) Textos CERU: n. 3, 2. série, 1992.

circunstância histórica e social. Caso contrário se abstraem as relações sociais e se absolutiza a palavra – caminha-se para a reificação das informações.

Ainda uma última questão que diferencia a História Oral da Sociologia se refere ao resultado final do trabalho. Assim, há, na História Oral, alguns autores que apresentam os relatos orais após a sua *textualização*, isto é, a entrevista é submetida à *construção de um texto*³³. Isso significa que a entrevista é reescrita buscando-se um ordenamento das idéias e não se prendendo às palavras. Preocupa-se também em preservar a sua originalidade, isto é, procura-se reescrever a entrevista como se fosse o próprio entrevistado que a estivesse escrevendo. Desse modo, procurar-se-ia diminuir a interferência do pesquisador também no produto do trabalho.

No caso da Sociologia, essa postura não se coaduna com o seu objetivo enquanto ciência. A entrevista é um documento construído – assim como outro qualquer – com a finalidade de fornecer as informações necessárias à solução de um determinado problema de pesquisa.

À Sociologia não basta somente a apresentação de relatos orais em forma de textos, precedidos, muitas vezes, de um comentário superficial sobre os mesmos. As entrevistas precisam, como já foi dito, ser analisadas de acordo com o problema e as hipóteses de trabalho.

Esta análise é realizada, segundo Maria Isaura, a partir do recorte dos temas identificados nas entrevistas. Em seguida, os resultados da análise são comparados com as questões propostas no projeto, configurando *uma síntese*, isto é, a produção de um

conhecimento novo que, expressando algo diverso em relação aos pontos de partida e à análise, conserva no entanto elementos deles, que foram importantes para o conhecimento do problema, integrando-os num novo conjunto e formando uma nova globalidade.³⁴

³³ Ver MEIHY, J. C. S. B. *A colônia brasilianista: história oral de vida acadêmica*. São Paulo: Nova Stella, 1990. Idem. Definindo História oral e memória. *Cadernos*, CERU: (São Paulo), 2ª série, n. 5, 1994.

³⁴ PEREIRA DE QUEIROZ, op. cit., 1983, p. 106.

Através desses passos, é possível transformar o relato oral, seja ele de que tipo for, “em instrumento realmente sociológico, na medida em que nos faz atingir os fatos sociais e não a simples reflexão dos mesmos através da personalidade”.³⁵ Assim, o relato oral (a história oral com minúsculas), a busca do singular em Sociologia só tem sentido dentro de parâmetros sociais e históricos, a partir da relação entre a biografia e a sociedade.

³⁵ BASTIDE, R. Introdução a dois estudos sobre a técnica das histórias de vida. *Sociologia (São Paulo)*, v.15, n.1, março 1953.